

Skinheads no Brasil. Violência e intolerância na “periferia da política”

Alessandro Bracht

É de autoria do historiador catalão Xavier Casals Meseguer o conceito de “periferia da política”, destinado, segundo ele a indicar “un área de difícil definición donde convergen lo que podríamos designar como ‘lumpempolítica’ – la actuación de grupúsculos y siglas de entidad minúscula –, la marginalidad juvenil (el mundo de enfrentamientos y rivalidades entre grupos de hinchas o bandas juveniles) y la violencia gratuita” (Casals Meseguer, 2003, p.185).¹ Apesar de criada para definir grupos politicamente marginais na Europa, a noção de “periferia da política” pode ser aplicada ao caso brasileiro da coletividade jovem dos *skinheads*, uma vez que ela apresenta traços muito similares nas práticas e também na forma rústica, simplificada e, portanto, equivocada de interpretar questões tais como raça, imigração e identidades culturais.

Os *skinheads* brasileiros surgiram na transição dos anos 1970 para os 1980 como uma variante proletarizada do movimento *punk*. Em verdade, os primeiros ‘carecas’ não eram mais que os *punks* de cabeças raspadas originários da zona leste paulistana e da região industrial do ABC paulista. Contrariando o processo evolutivo dos *punks* rumo à formação de uma consciência política de princípios anárquicos e pacifistas – nos primórdios da década de 80 eles se abasteciam ideologicamente no temor nuclear e na repressão da ditadura militarista – os ‘carecas’ se afirmavam como uma ala que supunha concentrar as características originais dos *punks* no Brasil, ou sejam, as brigas entre gangues e o pressuposto da pobreza. O progressivo afastamento de ‘carecas’ e dos *punks* transformou-os em adversários irreconciliáveis. Assim, para além dos traços originais dos primórdios, os ‘carecas’ foram buscar em matrizes estrangeiras as características definidoras de seus meios de pensar e agir. Advém daí um nacionalismo difuso que se multiplica em tendências diversas, mas que têm na questão da raça seu centro nervoso.

Inicialmente, podem ser identificados dois grupos de traços bastante distintos: os ‘carecas’, contrários ao racismo, e os *white power skinheads*, racistas inspirados nos modelos europeus norte-americanos de conduta. Entretanto, as posturas interiormente divergentes apontam para algumas subversões a esse padrão aparente, especialmente quando defrontamos as posturas intermediárias dos ‘carecas’ no que tange ao racismo e à intolerância étnica. Mesmo porque, os supremacistas brancos apresentam uma coesão interna sobre os referidos temas: consideram negros racialmente inferiores, nordestinos ladrões de emprego (no caso de São Paulo) e responsabilizam os judeus pelos principais males que, segundo os *skins*, assolam a humanidade, bem em acordo com a cartilha neonazista internacional.

Os manifestos contra o racismo na imprensa independente (*fanzines*) e na música dos ‘carecas’ são freqüentes. Nestas, a multirracialidade brasileira é celebrada em textos e iconografias depositárias de grande repulsa ao preconceito racial. Em 1996, a extinta banda porto-alegrense Desprezo Oi! lançava a fita K7 “A Verdadeira Voz do Brasil” com a música “País Multirracial”: “Difícil é admitir que o preconceito de cor/ Está presente em meu país/ No dia-a-dia, nas ruas, na escola e no trabalho/ ficam tirando onda, ficam tirando sarro/ Avaliam a qualidade do trabalho/ Pela cor do indivíduo/ E não pelo potencial/ Brasil, país multirracial/ Em nossa terra não há raça superior/ Somo todos iguais, com mesmo valor/ A raça ou a cor não importa/ Estamos todos lutando com união e otimismo/ Pelo mesmo ideal/ Brasil, país multirracial (...)”. Exemplar também nesse sentido é o texto sem referência de autoria “Luta contra o racismo”, publicada em diversos *fanzines* e também no *site* dos Carecas do Brasil, atualmente fora do ar: “O Brasil é um país formado a partir da mistura de raças, então por que há racismo no Brasil? O racismo nasce quando uma pessoa ou um grupo social quer impor seus valores à sociedade como sendo os únicos corretos e, assim, consideram que todos os que não são como ele são seus inimigos. Essas pessoas se esquecem que o que determina o caráter de uma pessoa é sua personalidade e não a cor de sua pele. O racismo está presente na sociedade de formas aparentes e camufladas, como as piadinhas, essas formas de racismo também devem ser combatidas. Essa é uma realidade da qual todos somos vítimas. Precisamos aprender a respeitar as pessoas e suas diferenças”. Em depoi-

mento concedido por um grupo de ‘carecas’ neo-integralistas do município de Niterói (RJ), RM, à época da entrevista com 23 anos, afirmou que o Brasil seria formado por três raças: a negra, a branca e a indígena (depoimento oral, Niterói, 17 ago. 2002).

Ocorre que nem sempre essas posturas são representativas de uma totalidade. A linha simplista que separa racista e não-racistas é subvertida por posicionamentos intermediários. O então Careca do Subúrbio JB., 30 anos, mesmo renegando qualquer possibilidade de exclusão social por força da raça, posiciona-se contra a mistura: “minha idéia é não pregar o preconceito sob nenhum aspecto pois isso é contra a lei. Racismo, creio que já falei, é diferente de discriminação racial. Eu não me misturo e não gosto da mistura pelo simples fato de interferir na cultura dos descendentes. Só isso. Preservação da espécie” (depoimento oral, São Paulo, 25 jan. 2002). A postura de S., 22 anos, residente em Porto Alegre, é algo parecida com a de JB.: “A gente [os *skinheads*] preserva muito a origem e a tradição. O movimento é todo tradicional. A gente preserva a tradição do sul, gaúcha mesmo. E como a tradição parte da família, família branca, então eu quero dizer quem eu sou: eu sou assim, sou gaúcho, sou brasileiro, sou branco” (depoimento oral, Porto Alegre, 22 dez. 2001).

Em linhas gerais, as palavras de JB. e S. expõe um posicionamento bastante aceito entre os ‘carecas’: o projeto nacionalista deve incluir igualmente todas as raças que convivem no Brasil, desde que preservando as diferenças étnicas inerentes. Já RC., o mesmo que havia afirmado a coalizão das três raças brasileiras, apresentou uma compreensão relativa ao racismo de certas seções européias de *skinheads* já que supostamente haveria uma realidade histórica permitindo tal comportamento, ou seja, a Europa foi formada por brancos e, sendo assim, aos brancos ela pertence. Já o Brasil, que teve sua construção nacional baseada na interracialidade, seria o lugar de todas as raças anteriormente apontadas.

Sobre os imigrantes nordestinos e os judeus, os ‘carecas’ procuram não se manifestar abertamente. Sobre os primeiros, há indícios de tolerância já que existem em números significativos participantes herdeiros da imigração do nordeste. Mesmo porque aqueles ‘carecas’ que assumem o sentimento anti-imigratório acabam se integrando aos quadros do *white power*. Entre os Carecas do ABC, inclusive, estabeleceu-se uma banda baiana de

música *oi!*² chamada Bandeira de Combate. Quanto à questão judaica, afirmam somente sua contrariedade ao sionismo, algo que, de acordo com os ‘carecas’, não inclui intolerância racial ou étnica. Tratar-se-ia somente de postura política em defesa de uma nação sem Estado, caso da Palestina. Entretanto, sobre esses dois temas, há muitos silêncios a se desvendar.

Os *white power skins*, aos quais já foram feitas breves referências, não medem palavras. Encobertos pela liberdade da *web*, através da qual circulam livremente textos e músicas de conteúdo intolerante, os *skins* supremacistas divulgam idéias tão violentas quanto delirantes. Um texto veiculado pela Internet em 2002 no *site* da organização paulista Esquadrão NS e as palavras contidas em um depoimento coletado em Porto Alegre, respectivamente, simbolizam o que pensam a respeito da condição do negro: “O negro ainda é primitivo, ainda é um animal. Pode-se notar a ignorância negra. São 85% dos presos gastando nosso dinheiro. As universidades brasileiras agora reservam 20% das vagas para os negros. Ora, porque (sic) eles não podem fazer o vestibular e passar devido ao seu próprio esforço, assim como os brancos? Será falta de capacidade? Sim, falta capacidade! Os negros são todos ignorantes (...)”. Já em seu depoimento, o jovem neonazista I., 20 anos à época e frentista em um posto de gasolina, narrou a seguinte história: “Cheguei no posto para trabalhar com uma camiseta onde (sic) estava escrito ‘100% branco’. O negrão que também trabalha lá chegou me dizendo: ‘bem que eu sabia que tu cheirava um pó [cocaína]. É raça inferior mesmo! (depoimento oral, Porto Alegre, 22 dez. 2002). Questionado sobre a se a escravidão no Brasil não teria determinado as condições economicamente desfavoráveis em que vivem muitos negros, afirmou que no passado eram os próprios negros que entregavam outros tantos para os comerciantes de escravos; portanto, a culpa seria exclusivamente deles. Tanto o texto como o depoimento, além da distorção da realidade, indicam uma profunda falta de perspectiva em longo prazo. Os olhares dos *skinheads* racistas estão sempre voltados para as facilidades do imediato.

O preconceito contra os judeus também é propalado através dos produtos de circulação interna. Sua principal característica: uma perspectiva neurótica, baseada na mistura

de referências que vão desde Adolf Hitler, passando por Sigmund Castan, até os racialistas norte-americanos como David Lane (autor da 14 palavras que traduzidas para o português tornaram-se “devemos assegurar a existência de nossa raça e um futuro para nossas crianças brancas”³) e a principal organização *skinhead* internacional, os Hammerskins. Uma síntese do credo *naziskin* na obra destrutiva judaica está na música “Sábios de Sião”, da extinta banda paulista Brigada NS, em seu único registro sonoro datado de 1996, “O Retorno da Velha Ordem”: Lobos em peles de cordeiros/ Dominam a economia mundial/ Causam a miséria e a fome/ E combatem todo orgulho racial (...)/ Destroem a vida em família/ E dominam as pessoas pelos seus vícios/ Acorde homem branco/ E lute contra o sionismo/ A cura para essa praga/ É o nacional-socialismo/ Esgotam os povos com sofrimento/ Preparam a agonia dos Estados/ Criam angústias e privações/ Porque a fome gera escravos”.

De acordo com a maioria dos documentos pesquisados, o método de conquista judaica seria a imprensa mundial, também dominada pelo sionismo⁴, opinião esta comprada de seções extremistas estrangeiras: “A mídia sionista quer ver nosso povo burro, para que assim possam continuar a parasitar em nosso país sem ninguém contestar. Os malditos judeus, pessoas parasitas, que vivem da desgraça dos outros, não se importam com a cultura de um povo, querem destruir nossa cultura através da mídia, para que assim nos possam subjugar diante da suja cultura sionista, se é que se pode chamar aquilo de cultura” (Esquadrão NS, 2002).

Um das características mais marcantes da “periferia da política” é a completa impossibilidade de que as idéias defendidas em suas fronteiras interiores alcancem aceitação massiva. Se na Europa, onde existe uma extrema-direita articulada em partidos oficiais, tais propostas não vingam, havendo no máximo curtos períodos de restrita receptividade popular, no Brasil a missão é ainda menos passível de sucesso. Porém, a voz dos *skinheads*, o meio através do qual eles são ouvidos publicamente é a violência. E aqui reside o grande problema de sua existência em território brasileiro, mesmo que registros de brutalidade racial ainda sejam raros por aqui. Os principais eventos de violência *skin* ocorreram contra *punks*, homossexuais e entre as próprias gangues de ‘carecas’ e *white power skinheads*,

causando mortes em capitais como São Paulo e Porto Alegre. O assassinato do homossexual Édson Nérís por um grupo de Carecas do ABC, no centro de São Paulo em 2000, chocou o país e teve sérios desdobramentos como a condenação de três dos envolvidos a 12 anos de reclusão. Em dezembro de 2002, dois *punks* foram agredidos covardemente na Usina do Gasômetro em plena luz do dia por mais de dez *skins* neonazistas. À noite, eles comemorariam o feito no encontro realizado em um condomínio fechado de classe média-alta, onde um deles residia com os pais (hoje, ele reside em um cela de presídio). Chamados a depor, os residentes da capital gaúcha no princípio de 2003, receberam como pena a prestação de serviços comunitários. Após um recuo estratégico, eles voltariam a atacar na noite de 08 de maio do ano corrente. Desta vez, o alvo foram três jovens judeus que lembravam o fim da II Guerra Mundial em um bar do bairro boêmio Cidade Baixa. Agredidos com soqueiras e facas, dois escaparam com ferimentos superficiais; um deles, porém, duas semanas depois do incidente permanecia internado em estado regular com três órgãos perfurados por faca. Quatro agressores foram recolhidos ao Presídio Central de Porto Alegre e aguardam julgamento por formação de quadrilha, tentativa de homicídio e crime de preconceito étnico.

Notas

¹ CASALS MESEGUER, X. 2003. *Ultrapatriotas*. Barcelona, Crítica, 486 p.

² A *oi! music* foi adotada como sendo a típica música dos *skinheads* nos últimos anos da década de 1970. Trata-se de uma variante mais lenta e cadenciada do *punk rock*, feita por jovens extrato proletário.

³ We must secure the existence of our race and a future for white children.

⁴ Na perspectiva pouco ilustrada dos *skinheads* a conexão entre os judeus e o sionismo é inevitável. Daí o fato de não haver uma distinção no decorrer do texto.